

Apresentação: As veias abertas do pós-colonial: Afrodescendências e racismos

A Fernando Arenas

In memoriam

1. A motivação: A *Década Internacional de Afrodescendentes*

O tema deste número da revista *Portuguese Literary & Cultural Studies* (PLCS) surge num momento – e por causa dele – em que vai a meio o que se pretende que seja um amplo debate proposto pela ONU sobre a condição dos afrodescendentes no mundo, através da declaração da *Década Internacional de Afrodescendentes, 2015-2024* (resolução 68/237). A proposta da ONU visa(va) alertar para a precariedade desses segmentos, em vários espaços do mundo, em termos de “reconhecimento, justiça e desenvolvimento”.

Neste contexto, com este título, *As Veias Abertas do Pós-colonial: Afrodescendência e Racismos*,¹ que é uma ostensiva apropriação do livro de Eduardo Galeano, *As Veias Abertas da América Latina*, publicado há mais de 40 anos, pretendemos rastrear as heranças coloniais que têm vindo a prolongar-se e a reproduzir-se ao longo de décadas após a queda dos mais recentes impérios coloniais. Esse momento colonial imperial mantém-se nas sociedades contemporâneas das antigas metrópoles marcadas por uma matriz racial que participa ativamente da regulação das relações sociais pós-coloniais, hierárquicas e assimétricas. E é sobre essas heranças – e a sua normalização – que pretendemos reflectir, convocando diferentes perspectivas disciplinares e de enunciação, também impulsionadas pela investigação que estamos a desenvolver no âmbito do projecto AFRO-PORT - *Afro descendência em Portugal: sociabilidades, representações e dinâmicas sociopolíticas e culturais. Um estudo na Área Metropolitana de Lisboa / Afro-descendance in Portugal: Sociability, Representations and Sociopolitical and Cultural Dynamics. A Study in the Lisbon Metropolitan Area*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Foi, pois, muito oportuno o convite (que muito agradecemos) que nos chegou da Direcção de *Portuguese Literary & Cultural Studies* para sermos “editoras convidadas” de um número da revista.

2. De Afrodescendentes e suas categorias: as diferentes abordagens

Para cumprir o desiderato de desconstrução de expressões normalizadas que “criam” falsas realidades, propusemos, através das linhas temáticas enunciadas na chamada de trabalhos, reunir ensaios que contribuam para a discussão e a compreensão da forma como se articula o lugar de pertença com a identidade étnico-racial neste século XXI, revendo e propondo algumas categorizações e conceitos aparentemente estabilizados (populações racializadas, afrodescendente...). Fazêmo-lo na medida em que vão surgindo categorias epistemológicas e temáticas da análise de diferenças raciais e étnicas bem assim como decorrentes da sociabilidade, representações e dinâmicas sociopolíticas e culturais. O que se pretende, igualmente, é que se possa desvelar a discursividade naturalizante da ideologia da subalternidade e a discriminação institucionalizada por várias “crenças” e práticas tácitas (por exemplo, o pressuposto de que a criança africana ou afrodescendente tem mais dificuldade na disciplina de Português). Pretende-se, enfim, encontrar estratégias, discursivas e de acção, que possibilitem que essas veias abertas possam ser “cosidas” para que não sangrem até a uma crónica invisibilidade. E estas são as propostas para esta discussão, reunidas neste *dossier* em cinco partes.

A primeira parte, denominada “As veias abertas do pós-colonial: a contemporaneidade,” abre com um tema que aborda um assunto caro a quem hoje, em Portugal, pugna pelo reconhecimento e inclusão do segmento negro na nação portuguesa. Em “Black Europe and a Contested European Union,” Kwame Nimako fala da posição, do estatuto e da condição dos negros no projecto europeu. Referindo-se a diferentes “estádios” da questão nos diferentes países europeus, e diferentes experiências negras também nesses países, Nimako realça, no entanto, que existem pontos comuns entre essas experiências decorrentes da relação histórica com o colonialismo e os arranjos constitucionais prevalentes em cada Estado-nação. Partindo da relação entre o nacionalismo na Europa, o surgimento, a consolidação e a expansão da União Europeia e as implicações das relações raciais e étnicas na Europa actualmente, Nimako destaca a ambiguidade da condição do negro europeu, entre a visibilidade e a invisibilidade, que se tornou uma parte importante do quadro de análises da posição e do status dos europeus negros, realçando a investigação sobre o assunto de negros europeus. No segundo artigo, “Ninguém imagina de verdade um português negro,” Miguel Vale de Almeida, “partindo da [sua] posição social como branco, não-racializado e com consciência política disso mesmo,” interroga-se

sobre a “confusão” que em Portugal, ainda dimensionado num discurso sobre descobrimentos e o *aggiornamento* lusotropicalista, se faz entre cidadania e a pertença étnica/nacional. Daí resulta um estado de negação que permeia e reforça o racismo nas suas diferentes modalidades: interpessoal, institucional e estrutural, sendo este “o mais complexo de identificar e que é o que efetivamente reproduz o racismo.” O último artigo deste segmento, da autoria das organizadoras deste *dossier*, intitula-se “As Veias Abertas da Afrodescendência: Herança Colonial e Contemporaneidade” e propõe-se a uma reflexão sobre esta categoria que entrou na terminologia dos estudos sociais e que nem sempre significa e nomeia o mesmo referente, havendo, por isso, alguma ambiguidade no seu uso em Portugal, onde há “afrodescendentes” que não o aceitam como auto-identificação.

Na segunda parte do *dossier*, em “Histórias imperiais e estruturas políticas,” percorre-se a história de africanos e afrodescendentes na metrópole imperial, desde o século XVI ao século XX. No texto “Africanos em Portugal: uma dialéctica de integração e de exclusão (séculos XV- XX),” Isabel Castro Henriques rastreia o processo fundador da presença dos africanos em Portugal, e como intervieram na estruturação da sociedade portuguesa dos séculos XVI a XX através de um riquíssimo e variado suporte iconográfico. Henriques estuda o processo de resistência e mestiçagens culturais, através dos africanos (escravizados e livres) que intervieram na estruturação da sociedade portuguesa dos séculos XVI a XX. O ensaio mostra como todo esse processo de reconstrução identitária se organizou em torno de um jogo inclusivo e integrador nas práticas sociais portuguesas, e exclusivo e discriminatório pela força do preconceito anti-negro e anti-escravo construído e consolidado pelos portugueses, revelando as manifestações silenciosas mas interventivas de uma comunidade secular na organização, na história e na memória portuguesas, o que gerou patrimónios culturais sincréticos que permaneceram no país. Na mesma linha, Cláudia Castelo, preocupada com uma ausência existente na historiografia no que respeita aos estudos disponíveis sobre a história contemporânea dos africanos e afrodescendentes em Portugal – que, no entanto, quase não abordam o período posterior à abolição da escravatura ou fazem-no de forma insuficiente – propõe um regresso ao “arquivo imperial.” Por isso, o título “Africanos e afrodescendentes na metrópole imperial (século XX): um regresso ao ‘arquivo imperial’” propõe uma “reconversão do ângulo de análise” através de uma prática historiográfica eticamente e civicamente empenhada, não sem antes fazer um “estado

da arte” sobre este assunto, estabelecendo um quadro mais abrangente e comparativo sobre os africanos e afrodescendentes nas metrópoles europeias – a “Londres negra” e a “Paris negra.” A autora conclui que continua a “invisibilização dos africanos e afrodescendentes, negros e mestiços, portugueses (assim autoidentificados ou não) na metrópole imperial” e que esta se articula “com a persistência do racismo e da discriminação racial na sociedade portuguesa contemporânea.” O terceiro artigo deste segmento, “The relationship between the formation of Cape Verdean society and Upper Guinea,” de Paulino de Oliveira do Canto, persegue ainda o viés histórico para perceber o projecto de expansão do imperialismo e a consequente institucionalização da escravidão em outras partes do mundo, particularmente no Atlântico e nas “Américas.” No entanto, diferentemente dos dois primeiros, afasta-se das premissas da presença africana em Portugal, optando por se interrogar sobre o quão o passado da formação da sociedade cabo-verdiana e as suas relações (socioculturais, políticas e económicas) com a (Alta) Guiné tem influenciado os processos migratórios entre os países da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO).

A terceira parte do *dossier* inclui igualmente três ensaios que incidem sobre “Identidades afro-diaspóricas: entre a herança colonial e a afirmação identitária” e têm o Brasil como “lugar de fala,” buscando compreender a contemporaneidade do racismo antinegro. Lia Vainer Schucman reflecte, em “Entre o Branco e a Branquitude: letramento racial e formas de desconstrução do racismo,” sobre ideia de raça e os significados acerca da branquitude apropriados e construídos por sujeitos brancos. A autora concentra-se, principalmente, na análise sobre possíveis formas de desconstrução do racismo nas identidades raciais brancas, o que tem sido nomeado no Brasil como Branquitude. Esta abordagem é complementada com as reflexões de Ana Flauzina e Thula Pires em “Por formas *amefricanas* de autoinscrição”: a partir das noções de antinegitude, genocídio e *amefricanidade*, as autoras desvelam os processos de assalto à vida negra como o grande sustentáculo do pacto social e político no Brasil, propondo o neologismo “*amefricana*” para referir “sobrevivências” da cultura africana no continente americano. Por seu lado, Aristeu Portela traça uma periodização analítica desses discursos, por meio do que denomina “ordens de discurso” de raça e identidade nacional em “Relações raciais e identidade nacional no Brasil: da nação (ambiguamente) mestiça à nação multicultural e pluriétnica.”

Seguem-se dois segmentos sobre a produção cultural de afrodescendentes, com dez ensaios, “Afrodescendência e a Afro-diáspora: representações e produções

culturais e Afrodescendência e enunciação literária.” O primeiro segmento, a quarta parte do volume, inclui três ensaios. O de Fernando Arenas – a quem homenageamos, dedicando-lhe este número de *PLCS*, e que muito o enriquece – intitula-se “Africanos e afrodescendentes no cinema português contemporâneo: imigrantes, cidadãos, humanos”; Ana Cristina Pereira é autora de “O peso do passado em conversas sobre *Cavalo Dinheiro* (2014) de Pedro Costa: (re)formulação e (re)produção do discurso racista e colonialista através de ‘novas’ estratégias discursivas”; e Kaian Lam (aka Cindy Lam) apresenta “Stomach Thoughts: A Socio-Cultural Study of Indirect Afro-Representations in Popular Portuguese Imageries of ‘African’ Food as Compared to ‘Asian’ Food and the Implications.” O artigo de Fernando Arenas traça uma panorâmica crítica de filmes (longas-metragens e documentários) de Pedro Costa, Inês Oliveira, Leonel Vieira, Joaquim Leitão, e o coletivo composto por Kiluanje Liberdade, Inês Gonçalves e Vasco Pimentel, ligados às experiências de africanos e afrodescendentes no Portugal contemporâneo; aí discute como essa produção cultural reflecte uma nação portuguesa em plena mutação, quando estão a ser (re)definidas as percepções do que é “ser africano” ou “ser europeu”; Ana Cristina Pereira continua na senda de pensar a produção cultural afrodescendente através da linguagem fílmica, elaborando o seu artigo a partir de duas questões epistemológicas, tentando perceber como dialogam jovens portugueses com as representações identitárias do “outro” africano propostas no filme *Cavalo Dinheiro* e como analisar um filme que questiona discursos vigentes sobre a história, as expressões simbólicas e a identidade portuguesa. Kaian Lam, no entanto, aborda outro tipo de produção cultural: a comida (ou, se quiserem, a gastronomia), através de uma proposta (original) de politização dos “pensamentos do estômago” e de uma maneira criativa de compreender os desafios e oportunidades para os afrodescendentes em Portugal. Lam propõe uma reflexão sobre a comunicação intercultural (interétnica também) a partir das representações africanas no mundo imaginário português acerca de alimentação “africana,” contrapondo esse imaginário com a alimentação “asiática” (que é apenas referida, diz a autora, para ilustrar o caso africano).

O quinto segmento do *dossier*, “Afrodescendência e enunciação literária,” concentra-se na literatura de autoria afrodescendente portuguesa e brasileira, o que constitui um momento interessante para comparar duas realidades literárias – a brasileira e a portuguesa –, em que a autoria negra e afrodescendente é sempre remetida ou para as margens do cânone literário (no caso brasileiro) ou, no caso português, para as literaturas dos países de que são originários os

autores. Emerson Inácio, Margarida Calafate Ribeiro e Erin Rossnan McCombe abordam a dicção portuguesa de autoria negra, enquanto Rosangela Sarteschi fala de “literatura negra brasileira.” Com efeito, Emerson Inácio, em “‘Língua de preto’ e dicção negra: do dialeto barroco à veiculação identitária,” fala de *Açafate de Floremas* (1971), de António (de Brito Oliveira e) Cruz, uma cartografia descritiva da autoria negra em Portugal num momento em que uma produção literária vem consolidando as suas particularidades discursiva e estética no campo que o autor designa como “Literatura Afroportuguesa,” num gesto de reconhecimento das particularidades discursivas dessas produções. Enquanto isso, Margarida Calafate Ribeiro situa a sua análise num tempo mais recente, o da pós-colonialidade; em “*O Sentimento de um(a) Ocidental declinado no feminino*,” a autora aborda a literatura recentemente produzida por mulheres afrodescendentes Negras, a saber: Djaimilia Pereira de Almeida, *Esse Cabelo*; Tvon (pseudónimo de Telma Escórcio da Silva), *Um Preto Muito Português*; e Yara Monteiro, *Essa Dama Bate Bué*; porém não sem antes fazer uma breve apresentação sobre o “estado da arte” da produção cultural afrodescendente em Portugal, no campo das artes visuais e performativas. Finalmente, Erin McCombe, partindo do quadro metodológico para os estudos de intermedialidade, analisa, em “*The right to represent, reproduce and refuse: Memory, Photography and Postcolonial ekphrasis in the work of Djaimilia Pereira de Almeida*,” dois textos de Djaimilia Pereira de Almeida – o romance *Esse Cabelo* (2015) e a crónica “*Pérola sem rapariga*” – através do diálogo entre a memória, a fotografia e a éctrase pós-colonial no contexto lusófono. Já no quadro brasileiro, Rosangela Sarteschi aborda, numa perspectiva histórica (desde o grupo Quilombhoje e dos *Cadernos Negros*), a trajectória de resistência na poesia de autoria negra (Miriam Alves, Cuti, Éle Semog, Jônatas Conceição, Salgado Maranhão e Sacolinha, pertencentes a gerações diferentes). Em “*Literatura negra brasileira e os diálogos com o cânone: outros olhares, outras histórias*,” a autora analisa a representação desses sujeitos numa escrita orientada pelos valores éticos e estéticos fundamentalmente brancos mas que buscam construir um horizonte utópico em que o negro surge como voz essencial no âmbito do sistema literário nacional.

A revista inclui também uma parte dedicada a “Recensões” de obras que versam sobre a produção intelectual, cultural e artística de africanos e afrodescendentes, publicadas a partir de 2018, quando este *dossier* começou a ser organizado. Quatro recensões compõem esta parte, em resenhas feitas por Maria Paula Meneses (*Mahanyela: a vida na periferia da grande cidade*, de Nely Nyaka e Gita

Honwana), Sheila Khan (*Descolonizações. Rer Amílcar Cabral, Césaire e Du Bois no Séc. XXI*, livro organizado por Manuela Ribeiro Sanches), Simone Amorim (*História e Cultura Afrodescendente*, publicação organizada por Elio Ferreira de Souza, Iraneide Soares da Silva, José Bispo de Miranda, Cláudio Rodrigues de Melo) e Luca Fazzini (*Quem tem medo do feminismo negro?*, de Djamila Ribeiro).

Esperamos que este *dossier* da revista *Portuguese Literary & Cultural Studies* possa vir a constituir-se como uma “obra” de referência para o estudo da afrodescendência em Portugal, na sua perspectiva diacrónica e contemporânea – em Portugal sobretudo, onde o tema ainda é visto como disruptivo.

Lisboa, Dezembro de 2020

NOTA

1. Começamos por referir um aspecto deste *dossier* que nos parece importante e tem a ver com a grafia: o segundo aspecto, que parece ser de ordem ortográfica, é, na verdade, de ordem epistemológica – e ideológica: a grafia de *Afrodescendência/Afrodescendente*. Talvez tivéssemos preferido a grafia com hífen precisamente porque gostaríamos que as palavras não designassem um “simples” nome ou adjectivo relacional, mas que as duas identidades associadas aos termos funcionassem como identidades **sumativas (sim, sumativas, não somativas)** – cumulativas, se quisermos. Porém, neste momento em que a discussão tem estado na ordem do dia em Portugal, não quisemos polemizar por causa de algo formal: com efeito, preferimos uma polémica sobre a substância. E também para alinharmos com outras geografias linguísticas que nos servem de termo de comparação.

INOCÊNCIA MATA é Professora do Departamento de Literaturas Românicas, na Área de Literaturas, Artes e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL/ULisboa), directora do Doutoramento em Língua e Cultura Portuguesa (Português Língua Estrangeira-Língua Segunda), membro integrado do Centro de Estudos Comparatistas da ULisboa. E Co-Investigadora Responsável do Projecto AFRO-PORT. *Afrodescendência em Portugal: sociabilidades, representações e dinâmicas sociopolíticas e culturais. Um estudo na Área Metropolitana de Lisboa.*”

IOLANDA ÉVORA é Investigadora Associada do Centro de Estudos sobre África e o Desenvolvimento (CEsA) e Professora Auxiliar do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa (ISEG/ULisboa). Investigadora Responsável do Projecto AFRO-PORT. *Afrodescendência em Portugal: sociabilidades, representações e dinâmicas sociopolíticas e culturais. Um estudo na Área Metropolitana de Lisboa.*”